

Um estudo construcional da microconstrução intensificadora “[x] pra caramba” no português brasileiro

A constructional study of the intensifying construction “[x] pra caramba” in Brazilian Portuguese

Ana Ligia Scaldelai-Salles*

Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, SP, Brasil

Edson Rosa Francisco de Souza**

Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, SP, Brasil

Resumo: Este artigo busca analisar, com base nos pressupostos teóricos da abordagem construcional (Traugott; Trousdale, 2013; Bybee, 2016 [2010]), a microconstrução intensificadora *[[X] pra caramba]*, instanciada pelo subsesquema construcional *[[X] Prep+N]*, no português brasileiro, tendo em vista as propriedades da esquematicidade, composicionalidade e produtividade. A função desse tipo de microconstrução é expressar uma ideia de encarecimento acerca de algo, que ultrapassa os limites do que é considerado típico ou não excessivo pelo falante. Assim, considerando como universo de investigação o *Corpus do Português* (Davies; Ferreira, 2006), nosso intento é apresentar uma breve descrição e análise da construção *[[X] pra caramba]* no que se refere ao seu funcionamento e à sua produtividade na língua portuguesa, como forma de diferenciá-la de outras microconstruções intensificadoras, do tipo “muito”, “bastante” e “demais”, definidas como simples. Em resumo, verificamos que essa microconstrução emerge na língua no século XX, tornando-se bastante produtiva no português, e, portanto, mais esquemática, a ponto de atrair, com base nos dados, outras microconstruções intensificadoras menos prototípicas.

Palavras-chave: Abordagem construcional. Intensificação. “Pra caramba”.

Abstract: This paper seeks to analyze, based on the theoretical assumptions of the Constructional approach (Traugott; Trousdale 2013; Bybee, 2016 [2010]), the microconstruction *[[X] pra caramba]*, instantiated by the constructional subschema *[[X] Prep + N]*, in Brazilian Portuguese, taking into account the properties of schematicity, compositionality and productivity. The function of this type of construction is to express an idea of enhancement about something, someone or event. Thus, considering as corpus of investigation the *Corpus do Português* (Davies; Ferreira, 2006, 2016), our intention is to present a brief description and analysis of the microconstruction *[[X] pra caramba]* with regard to its functionality and its productivity in the Portuguese, as a way of differentiating it from other intensifying constructions, of the type “very”, “quite” and “too much”, defined as prototypical. In sum, we found that this microconstruction emerges in the language in the twentieth century, becoming, as seen in the data, quite productive, and therefore more schematic, to the point of attracting other less prototypical intensifying microconstructions.

* Mestre em Estudos Linguísticos no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual Paulista – UNESP/IBILCE, São José do Rio Preto, SP, Brasil; anascaldelai@hotmail.com

** Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual Paulista – UNESP/IBILCE, São José do Rio Preto, SP, Brasil; edson.rosa@unesp.br

Keywords: Constructional approach. Intensification. “Pra caramba”.

1 INTRODUÇÃO¹

Fazer avaliações, intensificadas ou não, acerca daquilo que nos rodeia, como paisagens, pessoas, lugares, sentimentos, eventos, experiências, entre outros, é algo primordial para nós e está presente nas mais diferentes situações de comunicação. Assim, se consideramos a língua como um instrumento de interação social, que é usada para diferentes propósitos comunicativos, entendemos por que o falante sente necessidade de acrescentar, substituir, contrastar informações para o seu interlocutor. Esse processo se dá em razão daquilo que o falante tem em mente quando comunica algo a alguém e daquilo que ele acredita que o interlocutor sabe ou não sobre tal assunto (Dik, 1989, p. 9), o que evidencia que, durante o processo de comunicação, os usuários da língua mobilizam diferentes conhecimentos, experiências e estratégias para alcançar os seus objetivos. Em outras palavras, olhar para a língua sob uma perspectiva baseada no uso, significa dizer que sua estrutura reflete de alguma forma a estrutura da experiência do falante, o conhecimento do qual ele dispõe; isto é, a língua reflete em sua estrutura a perspectiva de mundo do falante.

O recurso da intensificação tem para o falante a função de atingir algum propósito comunicativo específico ou diferente, cuja dimensão ou intensidade de algum aspecto ligado a algo ou a alguma pessoa ultrapassa os limites tidos como relativamente normais para tal situação. Em outros termos, de acordo com Silva (2008), a intensificação tem a ver com a necessidade que o falante tem de exprimir uma noção superrelevada acerca de algo, por isso estamos a todo tempo intensificando eventos, estados, emoções, seja com mais ou menos força. Logo, a intensificação é um processo avaliativo do mundo muito produtivo não só em nossa língua, mas também em várias outras, o que a torna um processo translinguístico.

Assim, o nosso objetivo é descrever a microconstrução intensificadora $[[X] \textit{pra caramba}]$, instanciada pelo subesquema construcional $[[X] \textit{Prep+N}]$, quanto à sua constituição, ao seu funcionamento nos contextos de uso e à sua produtividade no português, possibilitando, assim, a identificação de aspectos formais e funcionais que sejam definidores desse tipo de microconstrução intensificadora.

Este artigo encontra-se organizado da seguinte forma: primeiramente, apresenta-se o objeto de estudo; em seguida apresentamos os pressupostos teóricos da Abordagem construcional necessários para a análise da microconstrução $[[X] \textit{pra caramba}]$; na sequência, apresentamos a análise dos dados juntamente com os resultados obtidos, e, por fim, listamos as conclusões e as referências bibliográficas.

2 CONSTRUÇÕES INTENSIFICADORAS: TIPOS E FUNÇÕES

A emergência de estruturas linguísticas advém, segundo Heine (1994, p. 273), de processos cognitivos básicos, por meio dos quais conceitos mais abstratos são expressos em uma língua a partir de experiências humanas básicas com o mundo, relacionadas, segundo Langacker (1987, p. 150) e Lakoff (1987, p. 267), ao que se

¹ Agradecemos aos pareceristas deste artigo pelos comentários valiosos e pelas sugestões que nos permitiram refinar pontos importantes dos objetivos e da análise do nosso objeto de pesquisa.

chama de corporificação, que consiste na ideia de que nós, seres humanos, relacionamos na língua todos os aspectos do mundo que se encontram a nossa volta, tendo como ponto de referência o nosso próprio corpo no espaço. Nesse caso, o que as línguas fazem, conforme Slobin (1980 apud Silva, 2006, p. 204), é expressar noções abstratas a partir das experiências sensorio-motoras do falante com o mundo, atinentes à sua dimensão biossocial, que se processam via extensões metafóricas e metonímicas.

O processo de intensificação é um bom exemplo para ilustrar a importância da cognição humana para a construção e o entendimento de significados relativos à noção de intensidade (ideia de superelevação do falante acerca de algo). Segundo Silva (2006, p. 205), que se baseia nas ideias dos precursores da Linguística Cognitiva (Lakoff, 1987; Langacker, 1987; dentre outros), se entendermos que as construções linguísticas constituem formas simbólicas de codificação do modo como nós conceptualizamos as coisas com as quais interagimos fisicamente, por meio de operações cognitivas, então compreenderemos por que a referência corporal tende a se projetar na formação de conceitos mais abstratos². No caso da intensificação, há, segundo Silva (2006, p. 205), uma “conexão analógica” entre o conteúdo de intensidade e o conteúdo mais concreto, pertencente ao universo sócio-físico do falante. Assim, pode-se dizer, por exemplo, que o intensificador *muito* emerge, conforme Silva, do *esquema imagético* de quantidade, e que *ultra* e *super* emergem das ideias de localização horizontal e vertical, respectivamente, mostrando, assim, que há uma correlação direta com o processo de corporificação.

Para autores como Bechara (2009) e Cunha e Cintra (1985), representantes da Gramática Tradicional, a intensificação, que consiste no ato de intensificar, aumentar ou incrementar algo está quase sempre ligada aos advérbios de gradação ou à repetição de formas adverbiais, como *muito*, *bastante*, *pouco*, *extremamente*, entre outros. São raros os gramáticos que tratam de outras estratégias de intensificação. Já as gramáticas de uso (Castilho, 2010; Neves, 2010) tecem mais considerações acerca do processo de intensificação, dizendo que, além dos advérbios de gradação e sufixos derivacionais, a intensidade no português pode também ser expressa por meio de adjetivos e expressões preposicionadas (*horrores*, *de morrer*, *pra chuchu*, *de lascar*). Contudo, mesmo nas gramáticas de uso, que seguem uma orientação funcionalista, a intensificação é pouco analisada, ainda mais quando se trata de construções intensificadoras do tipo *lindo* [*de morrer*], *feio* [*pra chuchu*], *correu* [*pra caramba*], [*roxo de*] *ódio*, [*vermelho de*] *raiva*, entre outras, que são bastante frequentes no português.

Lima-Hernandes (2009, p. 2-3) classifica essas construções de natureza intensificadora como perífrases elativas de função intensificadora, no entanto, o tratamento dado pela autora a essas construções é diferente do tratamento que propomos neste artigo, justamente porque nos baseamos na abordagem construcional de Traugott e Trousdale (2013, p. 1-2), que propõe a investigação de fenômenos de mudança linguística no âmbito das construções em que ocorrem (do todo) e não de itens linguísticos isoladamente (Scaldelai, 2017, p. 5).

² Segundo Lakoff e Johnson (2002), o corpo funciona como um ponto cardeal, a partir do qual construímos novas relações espaciais, temporais etc. O falante, portanto, lança mão dessas metáforas para fazer relações entre elas e o ambiente que o cerca para tentar empregar a ideia de intensidade.

Com relação às explicações iniciais sobre o processo de intensificação e as estratégias linguísticas disponíveis no português para essa finalidade, Neves (1997, p. 20) nos chama a atenção para o que poderia explicar a ocorrência dessas construções:

em qualquer estágio da interação verbal o falante e o [ouvinte] têm informação pragmática. Quando o falante diz algo a seu destinatário, sua intenção é provocar alguma modificação na informação pragmática dele. Para isso, o falante tem de formar alguma espécie de intenção comunicativa, uma espécie de plano mental concernente à modificação particular que ele quer provocar na informação pragmática do [ouvinte].

Para Neves (1997, p. 20), se o falante usa estratégias de intensificação distintas na língua, é porque essas construções cumprem funções comunicativas também diferentes no contexto de uso. No caso das microconstruções intensificadoras aqui estudadas e daquelas definidas como prototípicas pelas gramáticas tradicionais, tal distinção parece estar atrelada, a nosso ver, à diferença de gradação de intensificação entre uma microconstrução e outra. Assim, partimos do pressuposto de que é por conta dos diferentes efeitos comunicativos ligados a essas construções que o falante explora as mais variadas maneiras de transmitir o que pensa e o que deseja ao seu interlocutor. Dessa forma, para atingir seus propósitos, ele precisa persuadir o seu destinatário e não basta apenas dizer “Estou com fome”; às vezes, é preciso utilizar alguma estratégia discursiva que provoque um impacto maior no seu destinatário.

De acordo com Neves (1997, p. 104), a extensão ou a complexidade dos elementos de uma representação linguística reflete a extensão ou a complexidade de natureza conceptual (o que se tem em mente quando se diz algo em termos de intenção). Ou seja, essa extensão ou complexidade irá depender de qual impacto comunicativo o falante quer ou deseja causar no seu destinatário.

Assim, para expressar intensidade, o falante pode utilizar enunciados do tipo:

- (1) O juiz é **muito** rico!
- (2) O juiz é **podre de** rico!

Nos exemplos (1) e (2), os valores veiculados de intensificação são distintos. Em (2), o efeito comunicativo mobilizado pela construção intensificadora vai além do que está expresso em (1). Há uma gradação da intensificação expressa na sentença *O juiz é rico*. Nesse caso, a microconstrução [*podre de [X]*], que escopa o predicativo do sujeito *rico*, é usada com o sentido metafórico, isto é, a expressão *podre de [rico]* não é usada com o sentido de algo em putrefação, mas sim com a ideia de algo que ultrapassa o estado normal e esperado para algo (ou para o quão rica é uma pessoa) em termos de gradação: *O juiz é exageradamente rico*.

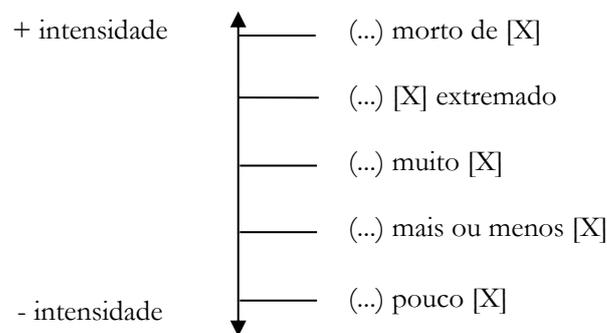
A gradualidade da intensificação fica mais evidente quando comparamos os exemplos de (3) a (5), em que se verifica que a intenção do falante é graduar subjetivamente o que diz com relação ao estado em que se encontra o professor:

- (3) O professor está **com fome**.
- (4) O professor está **com muita fome**.
- (5) O professor está [**morto de fome**]³.

³ Exemplos nossos desenvolvidos especialmente para o artigo em questão.

Analisando os casos de intensificação acima, fica evidente que há uma diferença gradativa de sentido em cada um deles (Silva, 2008; Scaldelai, 2016), uma vez que, no enunciado *O professor está com fome*, em (3), não há nenhuma marca linguística de intensificação; em (4), por sua vez, nota-se a presença do advérbio de intensidade *muito*, que intensifica a ideia de *fome* que o professor sente, colocando-se como algo que está um pouco acima do que é considerado normal; e, por último, em (5), o falante demonstra, por meio da microconstrução intensificadora *morrer de*, que a fome externada pelo professor está situada em uma escala considerada extremada ou exagerada, no sentido de que a ideia de intensificação faz-se via processo de metaforização, que relaciona a noção de morte, que simboliza o fim de um percurso ou de uma vida, à ideia de ponto máximo em uma escala de intensidade, pertencente a um domínio mais abstrato.

Por conseguinte, com base nas observações apresentadas por Costa (2010) e nos exemplos listados, podemos produzir uma escala subjetiva de intensificação, vista a seguir, que mescla construções intensificadoras perifrásticas e construções intensificadoras simples (aquelas definidas como prototípicas pelos gramáticos).



FLP22(1)

Figura 1- Escala subjetiva da microconstrução intensificadora [*morto de [X]*] (baseado em Costa, 2010, com algumas adaptações).

Como se pode verificar acima, na base da escala está o advérbio de intensidade *pouco*, ao meio, está também outro advérbio de intensidade, *muito*, ao passo que no topo está uma construção intensificadora *morto de [X]* formada a partir da experiência com *morte*, como visto em (5). Infere-se, portanto, que os diversos recursos da intensificação são capazes de posicionar as experiências do falante de acordo com a expressividade com que acontecem. Logo, ao considerarmos uma escala subjetiva, quanto mais intensa for a experiência do falante, mais no topo essa relação estará; por outro lado, quanto menos intensa for, mais basilar ela será.

Por fim, é importante dizer que as microconstruções intensificadoras simples como *pouco* e *demais* apresentam uma função bem demarcada no português, sendo suas ocorrências muito produtivas em várias esferas de comunicação. Entretanto, essas microconstruções intensificadoras não são suficientes para sanar as carências comunicativas do falante em alguns contextos, pois seu uso frequente leva à habituação e, como consequência, ao desgaste semântico. Assim, é por essa razão que surgem novas construções intensificadoras durante o processo de interação, pois o objetivo é fazer com que o falante consiga exprimir o que realmente deseja.

3 A ABORDAGEM CONSTRUCIONAL E AS CONSTRUÇÕES INTENSIFICADORAS

Para a abordagem construcional da linguagem, a língua é vista como um pareamento de forma-significado, de construções organizadas em uma rede de construções, de nós devidamente interligados, conforme apontam Traugott e Trousdale (2013, p. 1). Como consequência, a mudança linguística não ocorre isoladamente, isto é, com base em itens linguísticos isolados, mas sim no interior de construções linguísticas, uma vez que a mudança se dá no uso. Assim sendo, para que ocorra uma mudança é indispensável que ela seja compartilhada entre os membros da comunidade, havendo uma negociação entre falante e ouvinte, para que não circule somente na rede do indivíduo, mas no âmbito da rede da comunidade.

A fim de explicar como as diferentes construções emergem na língua, tendo em vista os processos de percepção e recepção de enunciados por parte de seus usuários, Bybee (2010, p. 15-19) entende que a habilidade de armazenar exemplares da língua e de usá-los como modelos de imitação para a criação de novas expressões contribui para o funcionamento e para a dinamicidade da língua. Nesse contexto, as formas redundantes e variantes da língua tendem a ser, segundo Langacker (1987, p. 105), utilizadas pelo usuário como um recurso para estabelecer generalizações, a partir do que está armazenado na memória, ou então para estabelecer modelos construcionais para a criação, via analogização, de novas expressões (Bybee, 2010, p. 126). É com base nesses processos cognitivos que os falantes conseguem reconhecer a existência de padrões construcionais, a partir de exemplares armazenados na memória, e distingui-los de outras construções similares ou não, como a que segue abaixo.

- (6) Me lembro perfeitamente de minha mãe me dizendo que durante anos esperou a volta do pai, **morto de tifo** ou febre amarela e enterrado no meio da selva, por nunca ter visto o cadáver⁴ (19:Fic:Br:Carvalho:Iniciais) (Davies; Ferreira, 2016, grifo nosso)
- (7) Aquele ar esquerdo do mestre de obras, engasgado, **roxo de tosse**, fazia-lhe cócegas pelo corpo inteiro. (18:Azevedo) (Davies; Ferreira, 2016, grifo nosso)

As expressões em negrito em (6) e (7), apesar de apresentarem um padrão construcional semelhante ao das microconstruções intensificadoras perifrásticas, são distintas e não são reconhecidas pelo falante como intensificadoras. Não constituem unidades convencionais, repetidas e estabilizadas na língua. Em (6), por exemplo, a preposição *de* não integra uma construção de caráter autônomo na língua, ou seja, nesse caso, a preposição mantém sua composicionalidade, já que ela é usada nesse contexto como elemento que estabelece a relação de causa e consequência: a pessoa morreu porque contraiu a doença de tifo. A mesma leitura pode ser feita do exemplo (7), em que a preposição *de* marca ainda a relação de causa e consequência no contexto em questão, isto é, a pessoa ficou roxa de tanto tossir. Em outras palavras, tais expressões em negrito ainda apresentam um elevado grau de analisabilidade (capacidade de reconhecer, em termos morfossintáticos, a contribuição de cada parte) e composicionalidade (previsibilidade do significado do todo a partir das partes), aspectos que as definem como unidades independentes ou individuais na língua.

⁴ Os exemplos foram extraídos do *Corpus do Português* (Davies; Ferreira, 2015/2016).

Em contrapartida, os casos listados abaixo se configuram de outra forma:

- (8) O Berto, então, veio seco em cima de mim, e correu dois palmos de faca do Pasmado. - Tenha mão, capitão Berto - disse-lhe eu, aparando o golpe, com a minha Parnaíba. [...] Mas o homem estava **[roxo de]** raiva; espumava como um touro feroz. Avançou outra vez num ímpeto... (18:Olímpio:Luziahomem) (Davies; Ferreira, 2016, grifo nosso)
- (9) Há de casá-la como casou a outra, com um homem de peso.. - Pois sim.. - Verás. Bom casamento é ela, lá isso é..Quantas filhas são? - Cinco, parece-me que cinco. - Mesmo assim. O Meireles está **[podre de]** rico. Podre de rico! Também nunca vi homem tão agarrado (19:Fic:Br:Lopes:Falência) (Davies; Ferreira, 2016, grifo nosso)
- (10) A gente fez uma viagem pra Cleveland e Atlanta uma vez que foi foda... A gente se *divertiu* **[pra caralho]**. Um puta cara gente final! (19Or:Br:Intrv:Web) (Davies; Ferreira, 2016, grifo nosso)

Entendidas como derivadas de processos cognitivos de domínio geral, essas construções intensificadoras de (8) a (10), aqui indicadas entre colchetes, podem ser, a nosso ver, definidas, com base em Bybee (2010, p. 9) e Traugott e Trousdale (2013, p. 3-5), a partir de Fillmore et al. (1988), Goldberg (1995, 2006) e Croft (2001), como novos pareamentos de forma-significado, uma vez que seu significado atual difere-se bastante do significado de suas partes componentes isoladamente. Em outras palavras, construções como *[roxo de]*, *[pra caralho]*, *[podre de]*, entre outras, já não carregam mais o sentido concreto de cor (roxo), de órgão sexual (caralho⁵, em termos informais), de podre (no sentido de putrefação), respectivamente, mas sim o sentido metaforizado (abstratizado) do que esses termos designam ou expressam: *roxo* (no sentido de extrapolação dos limites), *caralho* (no sentido de extenuação do vigor do órgão sexual masculino), *podre* (no sentido de grau exagerado de alguma qualidade). Outro aspecto que merece atenção nos exemplos de (8) a (10) é a presença de outras expressões de natureza hiperbólica que contribuem para o valor de intensificação veiculado pelas expressões entre colchetes, tais como: *espumava como um touro feroz*, em (8); a repetição da expressão *podre de rico*, em (9); e as expressões *foi foda* e *um puta cara*, em (10)⁶. Assim, entendemos que tais construções constituem novos pareamentos de forma-significado no português porque exercem a função de intensificação na língua e não mais a função de qualificação/especificação (no caso de expressões formadas por adjetivos como *roxo*, *podre* etc.), de designação/quantificação (no caso de nomes como *burro*, *caralho* etc.) ou de indicação de ação/estado/processo (no caso de verbos como *morrer*, *doer*, *chorar* etc.).

Para Bybee (2010, p. 64-65), construções como essas seriam consideradas como sequências encadeadas na língua ou *chunkings* ('encadeamentos'), pois são usadas convencionalmente juntas e têm, em geral, significados especiais ou outras propriedades diferentes de quando as palavras que as compõem são usadas separadamente. Nesse caso, as microconstruções intensificadoras perifrásticas em estudo apresentam um grau menor de composicionalidade, haja vista que o significado de intensificação não é decorrente do significado da soma das partes que compõem a

⁵ No Português, tal vocábulo adquiriu um estatuto semântico relacionado ao campo da sexualidade, assim como no espanhol, sendo, pois, classificado em vários dicionários como palavra tabu.

⁶ Agradecemos a um dos pareceristas pela observação sobre a atuação de outros elementos linguísticos no contexto que reforçam o valor de intensificação da expressão em estudo.

construção e certo grau de analisabilidade, já que ainda é possível reconhecer em muitas dessas microconstruções intensificadoras perifrásticas a contribuição, em termos morfossintáticos, de cada um dos componentes para o todo. Vale dizer ainda que tais expressões intensificadoras apresentam, em termos de propriedades definidoras, uma estrutura sequencial (de partes que são usadas conjuntamente) e podem incluir tanto posições fixas quanto posições abertas a serem preenchidas por uma categoria de itens linguísticos semanticamente definidos.

Assim, podemos dizer que as expressões em destaque em (8), (9) e (10) ilustram casos de microconstruções intensificadoras perifrásticas que são instanciadas, respectivamente, pelos subesquemas construcionais $[N+Prep [X]]$ e $[[X] Prep+N]$, que são aparentemente produtivos no português brasileiro.

O esquema proposto por Croft (2001, p. 18) e Croft e Cruse (2004), representado na figura 2 a seguir, mostra como a construção é concebida no modelo da abordagem construcional da linguagem (Traugott; Trousdale, 2013). Nessa perspectiva teórica, a construção é decorrente de pareamentos de forma (que envolve propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas) e sentido/significado (que envolve propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais), ambos interligados por meio de elos de correspondência simbólica. Vejamos:

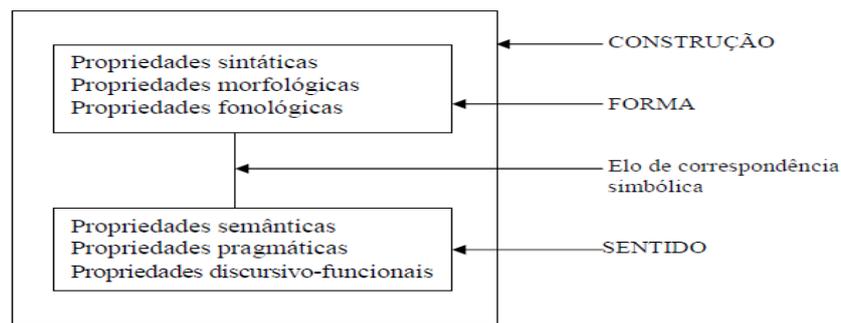


Figura 2 - Modelo simbólico de uma construção (Croft, 2001, p. 18).

Como se vê na figura 2, a forma e o significado motivam os usos linguísticos e são elas também motivadas por tais usos, configurando, assim, um outro tipo de correlação (função ↔ forma) (Traugott; Trousdale, 2013, p. 8), em que ambos se influenciam e reforçam com maior equiparidade a importância do contexto de uso e da forma em uma construção, proposta esta que se distancia do pressuposto teórico presente nos estudos funcionalistas de Givón (1979, 1995), que defendiam a trajetória unidirecional (função → forma), como bem pontua Oliveira (2015, p. 24).

De acordo com a abordagem construcional, a mudança linguística pode ocorrer de duas formas, ou seja: (i) ela pode afetar apenas a forma ou apenas o significado, resultando naquilo que Traugott e Trousdale (2013, p. 20-23) chamam de *mudança construcional*⁷, que são as pequenas mudanças que ocorrem antes da construcionalização, isto é, tal mudança não promove a formação de novas (micro)construções na língua, mas sim a renovação delas; ela pode afetar, simultaneamente, a forma e o significado de uma construção, resultando, conforme

⁷ A mudança construcional começa quando novas associações entre construtos e construções (que não faziam parte do repertório dos usuários) emergem ao longo do tempo, tornando-se mais frequentes.

Traugott e Trousdale (2013, p. 21-22), em um caso de *construcionalização* (gramatical ou lexical), ou seja, de emergência de uma nova construção na língua.

Para Traugott e Trousdale, a construcionalização pode ser definida como:

[...] a criação de um novo pareamento de forma-significado [...]. Ela forma novos tipos de nós, os quais têm nova sintaxe ou morfologia e um novo significado codificado na rede linguística de uma população de falantes. Ela é acompanhada por mudanças nos graus de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A construcionalização de esquemas sempre resulta de uma sucessão de micropassos e, por conseguinte é gradual, isto é, novas microconstruções podem ser igualmente criadas gradualmente, mas elas, também, podem ser instantâneas. Microconstruções criadas de forma gradual tendem a ser plenas de processamento e as instantâneas são plenas de conteúdo.⁸ (Traugott; Trousdale, 2013, p. 22, tradução nossa).

A emergência de novos pareamentos de forma e sentido, isto é, de novas construções, que se acoplam à rede construcional da língua, envolve, segundo Bybee (2010, p. 26-27) e Traugott e Trousdale (2013, p. 14-15), os processos cognitivos de categorização, *chunking*, memória rica, e, em especial, a analogização e a neanálise. A analogização diz respeito ao processo de formação de novas construções a partir da analogia com outras construções esquemáticas (exemplares) já existentes na língua, que servem de modelos para a criação de outros subesquemas. A neanálise, por sua vez, consiste, conforme os autores, em uma nova análise de uma construção, não necessariamente a reinterpretação a partir de uma análise preestabelecida na língua. A neanálise envolve “o processo de metonimização, com destaque para relações associativas” (Oliveira, 2015, p. 24; Traugott; Trousdale, 2013, p. 99).

Assim, para Traugott e Trousdale (2013, p. 94), a construcionalização gramatical, que compreende os casos das microconstruções intensificadoras aqui analisadas, resulta na formação de construções que estabelecem uma relação gramatical na língua, que é a de modificar o verbo, o adjetivo, o próprio advérbio e outros. Nesse tipo de construcionalização, o que se verifica é um aumento de produtividade e esquematicidade e um decréscimo na composicionalidade das expressões. Ademais, para Traugott e Trousdale (2013, p. 163-165), no tocante ao aumento de esquematicidade de uma dada construção, devemos considerar dois aspectos importantes: a) ao longo do tempo, as microconstruções podem se tornar mais esquemáticas ou mais abstratas, firmando-se como os *melhores* membros de esquemas abstratos; b) pode ocorrer a expansão dos (sub)esquemas, uma vez que eles podem vir a ter mais membros compatíveis com o esquema (extensibilidade dos esquemas) (Barddal, 2008, p. 31-32).

⁸ Confira o original: “the creation of form_{new}-meaning_{new} (combinations of) signs. It forms new type nodes, which have new syntax or morphology and new coded meaning, in the linguistic network of a population of speakers. It is accompanied by changes in degree of schematicity, productivity, and compositionality. The constructionalization of schemas always results from a succession of micro-steps and is therefore gradual. New micro-constructions may likewise be created gradually, but they may also be instantaneous. Gradually created micro-constructions tend to be procedural, and instantaneously created micro-constructions tend to be contentful.” (Traugott; Trousdale, 2013, p. 22).

4 CORPUS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O universo de investigação do trabalho é composto pelo *Corpus do Português* (Davies; Ferreira, 2006; 2016), que é constituído por quatro diferentes subamostras, quais sejam: (i) a subamostra *Gênero/Histórico*, com 45 milhões de palavras, que inclui textos do português brasileiro e do português europeu; (ii) a subamostra *Web/Dialetos*, com 1 bilhão de palavras, que inclui textos de 4 variedades diferentes do português (Brasil, Angola, Moçambique e Portugal); (iii) a subamostra *Now*, com 1 bilhão e 100 mil palavras, que inclui textos atualizados da internet oriundos de revistas e jornais publicados em português; (iv) e a subamostra *Word/Phrase*, com 40 mil palavras, que permite verificar a frequência de cada palavra no interior do *corpus*, composto apenas por textos em português. Para os propósitos deste trabalho, utilizamos, como recorte, as subamostras *Gênero/Histórico* e *Now*. Para a contabilização do número geral de ocorrências da microconstrução *[[X] pra caramba]*, a fim a de aferir a produtividade, consideramos as três primeiras subamostras. Isso se justifica pelo fato de a subamostra *Gênero/Histórico* não apresentar uma compilação atualizada de textos do século XXI. Já a subamostra *Now* traz textos atualizados representativos da sincronia presente do português.

Para analisar os aspectos formais e funcionais da microconstrução intensificadora em apreço, utilizamos os seguintes parâmetros de análise:

- 1) *Grau de generalização esquemática da construção intensificadora*. O intuito é verificar o grau de esquematicidade do subesquema construcional *[[X] Prep+N]* no português em termos de capacidade de atração, via processo de analogização, de novas microconstruções intensificadoras.
- 2) *Possibilidade de a construção intensificadora ser derivada em formas de grau diminutivo ou aumentativo por meio de sufixos*. Espera-se que as construções intensificadoras, por já indicarem intensificação exagerada acerca de algo, não permitam a expressão de grau superlativo (mortíssimo de fome, podríssimo de rico etc.), grau diminutivo (feito pra carambinha etc.) ou aumentativo (podrão de rico, mortão de fome etc.).
- 3) *Tipos de ligação da microconstrução intensificadora com outros subesquemas construcionais*. O objetivo é verificar que tipo de ligação as microconstruções intensificadoras estabelecem com subesquemas e esquemas construcionais: ligação de polissemia, ligação de extensão metafórica, ligação de subparte de outra construção, ligação particular com valor semântico idiomático ou ligação de herança.
- 4) *Grau de transparência semântica da construção intensificadora*. O propósito é verificar se a microconstrução é transparente (quando é possível depreender o significado de cada subparte da construção), mais ou menos transparente (quando já se observa algum tipo de opacidade semântica no significado da construção) ou opaco (quando o significado da construção é decorrente do todo).
- 5) *Valor semântico-pragmático veiculado pelas construções intensificadoras*. O objetivo é identificar qual o valor semântico-pragmático mais veiculado pela microconstrução, se positivo ou negativo.

- 6) Tipo de modificação das construções intensificadoras: o intuito é verificar que tipo de elemento é escopado pela microconstrução: verbo, adjetivo, substantivo, advérbio, ou a oração como um todo.
- 7) *Grau de consolidação e produtividade das construções de intensificação instanciadas pelos subesquemas construcionais [[X]Prep+N].* Quando o *slot [N]* pode ser preenchido por diferentes tipos de formas nominais, tal construção encontra-se devidamente consolidada na língua e é bastante produtiva.
- 8) *Possibilidade de a construção intensificadora ser flexionada em número e pessoa, apenas em pessoa ou apenas em gênero.* A expectativa é a de que as construções intensificadoras sejam formas já consolidadas na língua, restringindo a possibilidade de que elas possam ser flexionadas em número, pessoa e gênero. Com esse parâmetro, verificaremos se as construções estão em vias de se convencionalizarem na língua.
- 9) *Gênero textual em que a construção se encontra:* ficção, oral, notícia ou acadêmico.
- 10) *Sincronia* em que ocorre a microconstrução.

Para garantir que todos os parâmetros sejam aplicados a todas as ocorrências de construções intensificadoras de forma equânime, utilizaremos, como ferramenta estatística, o programa sociolinguístico *GoldVarbX* (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005), que permite apurar os números absolutos e percentuais de todos os parâmetros analisados. No entanto, estamos cientes de que o nosso objeto de estudo não constitui um fenômeno sociolinguístico, com controle de variáveis.

FLP22(1)

5 ANÁLISE E RESULTADOS

Nesta seção, apresentamos a análise dos dados referente à microconstrução *[[X] pra caramba]* no português brasileiro, com base na perspectiva teórica da Abordagem construcional de Traugott e Trousdale (2013), tendo em vista um conjunto de parâmetros de análise, que cobrem tanto aspectos formais quanto aspectos funcionais (de significado) da microconstrução em apreço.

Segundo Nacentes (1955) e Houaiss (2011), a palavra *caramba* é de origem espanhola e é usada para expressar surpresa, espanto, ironia etc. No entanto, além de atuar como interjeição, expressando admiração, surpresa e espanto, tal expressão vem sendo usada no português brasileiro para expressar intensidade de grau elevado, sendo, pois, bastante frequente na língua, conforme se verifica abaixo:

- (11) Não estou magoado, não. A galera tem que parar de fazer assunto com tudo porque, assim, eu vivo o trabalho, depois de ver o quão profissional ela é, *eu me esforço pra caramba* pra seguir os passos dela. Ela não me convidou pro aniversário dela, mas eu estava também pensando em trabalho", completou. (Davies; Ferreira, 2016)
- (12) O cantor Dudu Nobre foi a grande atração da festa de 111 anos de aniversário do Atlético, neste domingo, no estádio Mineirão [...] Em entrevista exclusiva a rádio Super, o cantor exaltou o clima [...] da torcida. "O negócio foi sério, *foi maneiro pra caramba*, uma torcida muito participativa, a gente fica feliz [...] (Davies; Ferreira, 2016)

- (13) O frio foi um grande obstáculo para mim", conta França, que recorda os companheiros que o ajudaram e até hoje não esquece do apoio que recebeu de Thiago Silva, que também no início da carreira, na Rússia, descobriu ter uma gravíssima tuberculose. # " O Felipe, que permanece no clube ainda, o Léo Bitencourt, o zagueiro Marcelo, que hoje joga no Lyon, o Felipe Santana, que na época jogava no Borussia, e o Thiago Silva, que me ligou e deu força **pra caramba** também. (Davies; Ferreira, 2016)

Em (11), a microconstrução [*pra caramba*] é usada para intensificar a ação expressa pelo verbo *esforçar-se*, exagerando a noção de intensificação. Nesse exemplo, o cantor Mc Zaac explica sobre o fato de não ter sido convidado para o aniversário da cantora Anitta, o que o deixou bastante chateado, uma vez que ele se esforça demasiadamente (“eu me esforço pra caramba”) para seguir os passos da funkeira. Em (12), a microconstrução [*pra caramba*] modifica, de forma intensificada, o valor expresso pelo adjetivo *maneiro*, que adquire uma avaliação hiperbólica. Nesse caso, a microconstrução aparece em uma fala do cantor Dudu Nobre, que participou da festa de comemoração do 111º aniversário do time de futebol Atlético Mineiro, momento em que ele elogia não somente a festa (“foi maneiro pra caramba”) quanto à torcida do time. Já na ocorrência (13), a microconstrução [*pra caramba*] opera sobre uma construção verbo-nominal *dar força*, intensificando também a ideia de solidariedade expressa por essa construção verbal. Nesse exemplo, o valor de intensificação fica claro quando França, ex-jogador do time de futebol Palmeiras, relata que teve ajuda de algumas pessoas durante um momento específico de sua carreira, em especial a do jogador Thiago Silva (“me ligou e deu força pra caramba também”). Ao organizarem suas interações, cada um dos personagens elencados acima, que se encontra em contextos distintos de comunicação, utiliza a mesma estratégia de intensificação (*pra caramba*) para codificar sua intenção comunicativa, que é a de realçar e explicitar claramente aquilo que pensam e sentem. É uma forma de impressionar o ouvinte ou de marcar a sua avaliação com relação a algo, com vistas a ganhar de alguma maneira a atenção do interlocutor.

O levantamento de dados realizado no *Corpus do Português* mostra que a microconstrução intensificadora [[X] *pra caramba*] é recente na história do português, o que mostra que essa estratégia de intensificação é considerada inovadora na língua:

Tabela 1 - Frequência de [[X] *pra caramba*] na história do português.

Sincronias Microconstrução	Séc. 13	Séc. 14	Séc. 15	Séc. 16	Séc. 17	Séc. 18	Séc. 19	Séc. 20	Séc. 21	TOTAL
[[X] <i>pra caramba</i>]	0	0	0	0	0	0	0	14	945	959
SUBTOTAL %	0	0	0	0	0	0	0	1,5%	98,5 %	100%

Fonte: Elaboração própria.

A tabela 1 mostra que a microconstrução [[X] *pra caramba*], que opera sobre diferentes categorias linguísticas, é recente na história do português, aparecendo, inicialmente, no século 20, e tornando-se extremamente produtiva no século 21, em especial, como veremos, em textos escritos que simulam ou se aproximam da oralidade, tais como entrevistas, fóruns de discussão, comentários em blogs e afins. Em outras palavras, os textos são de natureza escrita, mas reproduzem, em sua maioria, situações de oralidade da língua. Apesar de o termo “caramba” aparecer em outras

sincronias do português, com outras funcionalidades, é no século 20 que essa microconstrução aparece com função intensificadora. Os números evidenciam, portanto, que essa microconstrução é inovadora no português, uma vez que seu uso está muito atrelado a situações de comunicação em que o falante busca expressar uma avaliação extremamente exagerada (ou superelevada) acerca de algo, diferenciando-se, assim, de intensificadores do tipo “muito”, “bastante” e outros.

Com relação à origem da palavra *caramba*, Cunha (2010) diz o seguinte:

caramba interj. (designa admiração, espanto ou ironia) 1873. Do cast. Caramba. (Cunha, 2011, p. 126, grifo do autor).

Assim como definido por Cunha (2011), Houaiss (2011, p. 54)⁹ diz que o vocábulo *caramba* constitui uma interjeição que expressa “admiração, surpresa ou ironia”, no entanto, diferentemente de Cunha (2010), o autor entende que o uso interjeitivo de *caramba* é de natureza informal e tem como origem etimológica o espanhol. Nascentes (1955, p. 97), por sua vez, com base no dicionarista Cândido Figueiredo, classifica o vocábulo *caramba* como um “eufemismo de um vocábulo obscuro”, oriundo do espanhol e constantemente empregado na linguagem cotidiana.

No tocante aos dicionários em espanhol, tanto o *Diccionario de La Real Academia* (2019)¹⁰ quanto o *Nuevo Diccionario Historico Del Español* (1933)¹¹ classificam o vocábulo *caramba* como uma interjeição que denota surpresa ou raiva, sem fazerem, contudo, menção ao uso dessa palavra com valor de intensidade ou quantidade. O *Diccionario de La Real Academia*, que é resultado do trabalho colaborativo de pesquisadores na coleta do léxico geral na Espanha e em países hispânicos, diz ainda que *caramba* é um eufemismo¹², o que significa que os dicionaristas e catedráticos consideram que, entre os vocábulos chulos ou tabus, há variantes que são reconhecidas como sendo mais estigmatizadas que outras.¹³ Entre os dicionários consultados, o único que faz alusão ao uso da locução *pra caramba* como construção de grau *intensificador* é o de Borba (2004), intitulado *Novo Dicionário Unesp do Português Contemporâneo*. O autor define o vocábulo como:

“**Caramba** ca-ram-ba Interj. (Coloq) expressa admiração ou aborrecimento: *Caramba, como chove!* ► pra c. em alto grau; muito; demais: *Era um sujeito alto pra caramba.*” (Borba, 2004, p. 237, grifo do autor).

Ao que tudo indica, a expressão intensificadora *[[X] pra caramba]* se tornou frequente no português pelo fato de ela funcionar como uma construção alternativa menos estigmatizada entre os usuários da língua para intensificar algo, já que a construção *[pra caralho/pra caraio]*, que também se presta ao mesmo papel, é bastante marcada e é vista por muitos falantes como sendo uma forma proibida (tabu) na língua (de menção explícita ao órgão sexual masculino), o que faz com ela seja evitada em

⁹ Confira o original: “caramba interj. (1873) infm. Expressa admiração, surpresa ou ironia. ETIM interjeição esp. *caramba*.” (Houaiss, 2011, p. 54, grifo do autor).

¹⁰ Disponível no endereço: www.rae.es

¹¹ Disponível no endereço: <http://web.frl.es/DH1936.html>.

¹² Confira o original: “1. interj. eufem. U. para expressar extrañeza o enfado.” (DLE, 2019).

¹³ No, *El Diccionario de Uso del Español* de María Moliner (2007, 3ª Ed.), o vocábulo é definido como um eufemismo para o vocábulo *carajo* (caralho).

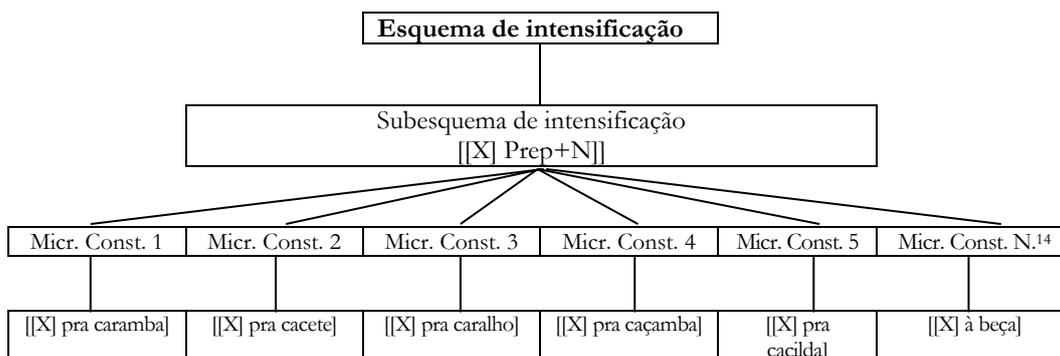
vários contextos de uso da língua. Trata-se, então, de uma trajetória de formação e consolidação que muito assemelha ao que provavelmente ocorreu no espanhol, em que *carajo* foi substituído pela forma *caramba*, como sugerem Nascentes (1955), Houaiss (2011), DLE (2019) e Rodrigues (2011). Na nossa opinião, a microconstrução $[[X] \textit{pra cacete}]$ é vista como menos estigmatizada do que a construção $[[X] \textit{pra caralho}]$, razão pela qual aquela parece ocupar uma posição intermediária entre $[\textit{pra caralho}]$ e $[\textit{pra caramba}]$.

No tocante a esse aspecto, Bybee (2016) assinala que:

Ao longo do tempo, é comum observar uma construção estender seu domínio de aplicação ou perder território para alguma outra construção mais produtiva. Assim, na morfossintaxe como na morfologia, observamos muitos exemplos de competição de construções e muitos esforços de linguistas para detectar diferenças sutis na função e na distribuição de construções que parecem muito semelhantes. (Bybee, 2016, p. 117).

No caso das três microconstruções intensificadoras listadas acima, o que se verifica é que a presença delas na língua está relacionada a um considerável grau de generalização esquemática da construção intensificadora, que permitiu, ao longo do tempo, expandir o esquema construcional para outros membros intensificadores com funções semelhantes ou iguais. Ou seja, quanto mais a construção se torna abstrata, esquemática e inclusiva na língua, maior será a capacidade de ela atrair novos membros (menos prototípicos) para preencher os *slots* de um subsesquema construcional de natureza intensificadora. Assim, pode-se dizer que a microconstrução intensificadora é instanciada pelo subsesquema construcional $[[X] \textit{Prep+N}]$, em que tanto o *slot* de *Prep* (preposição) quanto o *slot* de *N* (nome) podem ser preenchidos por diferentes tipos de elementos, conforme se verifica na figura 3.

FLP22(1)



Fonte: Elaboração própria.

Figura 3 - Relações hierárquicas de gradiência entre esquemas, subsesquemas e microconstruções intensificadoras no português brasileiro.

¹⁴ O subsesquema de intensificação $[[X] \textit{Prep+N}]$ instancia muitas outras microconstruções que não constam no esquema acima, razão pela qual optamos por indicar as demais possibilidades de preenchimento pelo uso da nomenclatura *Micr. Const. N.* (Microconstrução eneária). Assim, além dos exemplários listados acima, há muitos outros que seguem o mesmo padrão, tais como: $[[X] \textit{pra diabo}]$, $[[X] \textit{a rodo}]$, $[[X] \textit{com vontade}]$, $[[X] \textit{com fé}]$, dentre muitas outras, com preposições distintas.

Como se pode verificar na figura 3, o subesquema construcional $[[X] \text{ Prep}+N]$ apresenta um alto grau de generalização, uma vez que ele instancia várias outras microconstruções intensificadoras que seguem um mesmo padrão construcional. Em razão do escopo da pesquisa e das limitações do corpus de análise, não é possível dizer se a microconstrução $[[X] \text{ pra caramba}]$ é a mais usual e frequente nos dados do português nem muito menos saber qual delas, incluindo aqui as microconstruções listadas na figura 2, emergiu primeiro na língua. O que se sabe é que as microconstruções $[[X] \text{ pra caralho}]$, $[[X] \text{ pra caramba}]$ e $[[X] \text{ pra cacete}]$ são as mais produtivas no português, apresentando uma alta frequência no século XX. É a partir desse período que o subesquema de intensificação $[[X] \text{ Prep} +N]$ que instancia essas microconstruções se torna mais produtivo na língua, servindo de modelo para a formação, via processo de analogização, de muitas outras microconstruções.

Vejam as ocorrências (14), (15) e (16), que ilustram outras instâncias de microconstruções intensificadoras no português tidas como menos frequentes:

- (14) “Quero agradecer a Rita. Exemplo! Te amo!”, tietou Valesca, antes de sair do palco para a entrada de Gretchen. “Não babo ovo para ninguém, *mas sou fã pra cacete* mesmo! Neste momento, eu estou muito louca!”, disse a funkeira sobre a rainha do bumbum e dos memes. (Davies; Ferreira, 2016)
- (15) O que meu pai tá fazendo agora? O que ele vai fazer a partir de hoje? Vai saber lidar bem com isso? É uma angústia que eu não desejo pra ninguém nessa vida. Conte aqui e foram o total 33 ligações, muitas delas chorando, outras dando risada, algumas pra falar nada mesmo, só ouvir a voz e saber que ele tá bem”, contou. # “A manhã é cinza. *Tá foda pra caralho* acordar e não te ver mais no Bem Estar. Aliás, agora só pega Redação Sportv aqui em casa nesse horário. Kkkk. (Davies; Ferreira, 2016)
- (16) A o final canto mais um pouco e termino o culto desejando uma semana abençoada aos irmãos. Volto para casa, oro antes de cada refeição, cumpro tudo o que manda o figurino. *Sou um crente legal à beça*. Faço minhas caridades -- e não espere que vá contar aqui, afinal o que a mão direita faz a esquerda não deve saber e sou tão certinho que jamais te contaria de que modo dou dinheiro aos pobres. (Davies; Ferreira, 2016)

Na ocorrência (14), a funkeira Valeska Popozuda elogia a cantora Gretchen através da microconstrução $[[X] \text{ pra cacete}]$ com o intuito de realçar de forma exagerada o fato de ser muito fã da cantora. Em (15), Pedro Rocha, filho do apresentador global Fernando Rocha, desabafa sobre a saída do pai da emissora Globo e diz que está muito difícil não ver o pai apresentando o programa Bem-Estar (Está extremamente difícil acordar cedo e não te ver mais no [programa] Bem Estar). Em (16), a microconstrução intensificadora $[[X] \text{ à beça}]$ ¹⁵, apesar de ser formada por outro tipo de preposição, é instanciada pelo mesmo subesquema construcional e exerce o mesmo papel de outras expressões intensificadoras, que é o de apresentar uma avaliação exagerada acerca de alguma característica (negativa ou positiva), evento ou algo similar. É um tipo de microconstrução de intensificação que é relativamente frequente nos dados do português brasileiro, o que evidência que o subesquema construcional de intensificação ao qual ela pertence é bastante produtivo na língua.

¹⁵ Há outras microconstruções intensificadoras, semelhantes à microconstrução $[[X] \text{ à beça}]$, muito utilizada no português brasileiro, que são mais utilizadas e frequentes no português europeu, quais sejam: $[[X] \text{ à farta}]$, $[[X] \text{ à brava}]$, $[[X] \text{ à bruta}]$, $[[X] \text{ à fartazana}]$, $[[X] \text{ a cântaros}]$, $[[X] \text{ ao extremo}]$.

Se considerarmos o total de ocorrências de microconstruções intensificadoras perifrásticas instanciadas pelo subesquema $[[X] \text{ Prep}+N]$ encontradas na subamostra *Web e Dialetos*, do *Corpus do Português*, chegaremos ao seguinte resultado:

Subesquema construcional	Microconstrução	Frequência	TOTAL (%)
$[[X] \text{ Prep} + N]$ ----- em que: - [X] pode ser verbo, adjetivo, advérbio, etc. - [Prep] pode ser “para”, “pra”, “à”, “com”, etc. - [N] pode ser representado por nomes como “caramba”, “caralho”, “cacete”, “burro”, etc.	$[[X] \text{ pra caramba}]$	2746	58,7%
	$[[X] \text{ pra caralho}]$	1115	23,8%
	$[[X] \text{ à beça}]$	310	6,6%
	$[[X] \text{ pra burro}]$	190	4,0%
	$[[X] \text{ pra cacete}]$	168	3,5%
	$[[X] \text{ pra cachorro}]$	54	1,1%
	$[[X] \text{ pra chuchu}]$	31	0,6%
	$[[X] \text{ pra caraio}]$	23	0,5%
	$[[X] \text{ pra dedéu}]$	13	0,3%
	$[[X] \text{ pra caraca}]$	11	0,2%
	$[[X] \text{ pra porra}]$	8	0,17%
	$[[X] \text{ pra Geddel}]$	6	0,12%
	$[[X] \text{ pra peste}]$	1	0,02%
	$[[X] \text{ pra cacilda}]$	0	-
$[[X] \text{ pra caçamba}]$	0	-	
TOTAL		4676	100%

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 1 - Produtividade e generalização esquemática do subesquema construcional $[[X] \text{ Prep}+N]$.

O quadro 1 demonstra que o subesquema construcional $[[X] \text{ Prep}+N]$, que instancia diferentes microconstruções intensificadoras perifrásticas no português, é extremamente produtivo na língua e comprova a tese de que a microconstrução $[[X] \text{ pra caramba}]$ é, de fato, uma das mais frequentes no português, somando 58,7% (2746/4676) dos dados, sendo seguida pela microconstrução $[[X] \text{ pra caralho}]$, que vem logo atrás, com 23,8% dos dados (1115 ocorrências). Uma análise mais detalhada dos dados também mostra que, apesar de a microconstrução $[[X] \text{ pra caralho}]$ ser muito expressiva na língua, seu uso está, como já pontuamos anteriormente, bastante atrelado a contextos mais informais de uso da língua, aparecendo, principalmente, em notícias de blogs, comentários de internautas, fóruns de discussão e veículos de comunicação ligados ao público jovem. Com exceção desse tipo de expressão, o que aparece em outros tipos de publicação, classificados como de média formalidade, é a microconstrução intensificadora $[[X] \text{ pra cacete}]$, que parece se colocar, conforme já dito, em uma posição intermediária. Embora apareça em textos jornalísticos, que constituem uma espécie de simulacro de contextos de oralidade (entrevistas, fóruns de discussão etc.), a microconstrução $[[X] \text{ pra caramba}]$ é a que mais circula entre textos diversificados da internet e do universo jornalístico, o que comprova que seu uso é um dos menos estigmatizados.

As ocorrências (17) e (18), a seguir, representam alguns casos inovadores de microconstrução intensificadora perifrástica encontrados no *Corpus do Português*. Cabe lembrar que as microconstruções intensificadoras $[[X] \text{ pra cacilda}]$ e $[[X] \text{ pra caçamba}]$ não foram localizadas no Corpus, mas, ao utilizarmos o motor de busca do Google, notamos que seu uso é extremamente frequente em textos da internet.

- (17) Quem me dera eu tivesse uma mulher como aquela. Está rindo de o quê?
Eu ainda estou bem pra caraca. Eu já tive uma namorada e tive uma filha

com ela que é minha cara. (BR, 13-12-13. gente.ig.com.br/tvenovela/2013-12-13) (www.sitedemulher.net/tag/luciano-huck/page/2, grifo nosso)

- (18) Mas o dia-a-dia com o Marighella era muito bom. Na vida em comum, dividíamos tudo. As coisas pesadas ele fazia, e as coisas mais leves eu fazia. Uma coisa pesada era passar o escovão em o chão, por exemplo. O escovão era *um negócio pesado pra chuchu*, então ele fazia isso. E ele não sabia passar roupa, então quem fazia isso era eu.
(www.brasilefato.com.br/2016/11/04/47-anos-da-morte-de-marighella-o-legado-do-principal-opositor-da-ditadura-militar, grifo nosso)

A microconstrução intensificadora *[[X] pra caraca]*, muito recorrente no estado do Rio de Janeiro, segue o mesmo estilo da expressão *[[X] pra caramba]*, conforme já discutimos anteriormente. Já a microconstrução *[[X] pra chuchu]* ganha o estatuto de intensificação, pertencente a um domínio abstrato da língua, em decorrência de seu valor original, pertencente a um domínio mais concreto, que tem a ver com a ideia de que chuchu é uma planta trepadeira que produz frutos (do tipo chuchu) em grandes quantidades. Tem-se aí, portanto, conforme discutido em Lakoff e Johnson (1980) e Langacker (1987), a ideia de transferência metafórica da noção de quantidade *[vários chuchus]* para a noção de intensificação *[pra chuchu]*.

Outro caso bastante curioso é o da microconstrução intensificadora *[[X] pra dedéu]*, cuja origem não é consensual entre muitos dicionaristas (Borba, 2004; Villas, 2013; Silva, 2013; Ferreira, 2014), uma vez que ela pode ter se originado da expressão com o sentido de *de porta em porta/de casa em casa* ou do uso variável do verbo *dar* com o sentido de *viajar, chegar e ir*. De uma maneira ou de outra, o que se verifica é que essa forma passou um processo de construcionalização, emergindo na língua com um novo pareamento de forma e sentido, ou seja, tal expressão deixou de ser usada no português somente com a ideia de *algo (lugar, provavelmente)*, passível de quantificação, e passou a configurar um outro tipo de expressão com o valor de intensificação, cujo processo também foi amplamente discutido em Langacker (1987), Lakoff (1987) e Heine (1994). Na ocorrência (19), a microconstrução *[[X] pra dedéu]* intensifica o adjetivo *triste*:

- (19) A primeira canção de Natal brasileira a estourar em disco foi “Boas festas”, de Assis Valente, gravada em 1933, por Carlos Galhardo, com arranjo de um orixá: Pixinguinha. A letra é *triste pra dedéu* e joga água em o chope de a euforia natalina, afirmando que “Papai Noel com certeza já morreu ou então felicidade é brinquedo que não tem”. (Davies; Ferreira, 2016, grifo nosso)

É interessante notar ainda que a microconstrução *[[X] pra dedéu]* serviu de base para a criação de outra microconstrução intensificadora, a saber: *[[X] pra Geddel]*. Tal expressão se tornou conhecida após apreensão de várias malas de dinheiro (com cerca de 51 milhões de reais) encontradas pela Polícia Federal, em 2017, em um apartamento do ex-ministro Geddel Vieira Lima, localizado na cidade de Salvador (Bahia). Inicialmente usada como *Dinheiro pra Geddel*, em referência ao episódio das malas de dinheiro, com o sentido de *muito dinheiro*, tal expressão intensificadora se estendeu para outros contextos de uso, sem necessariamente estar relacionada a dinheiro, como em: *estou cansado pra Geddel; comi pra Geddel* etc.

Outro parâmetro analisado no trabalho é o tipo de ligação existente entre a microconstrução *[[X] Prep+N]* e o subsquema construcional de intensificação (Traugott; Trousdale, 2013). O objetivo é verificar como surgem novas

microconstruções na língua e como se ligam a subesquemas e esquemas mais abstratos no português. Para isso, consideramos que tais ligações poderiam ser: (i) de natureza polissêmica, quando as especificações sintáticas das microconstruções são as mesmas, mas as especificações semânticas são diferentes; (ii) de natureza metafórica, quando envolvem algum tipo de abstratização semântica, de modo que seu sentido passa ser visto como particular e diferente do seu sentido original; (iii) de subparte, quando indica uma relação entre uma construção menor e uma construção maior que existe de forma independente e da qual ela pode fazer parte; (iv) de natureza particular, que ocorre quando uma construção particular constitui um caso especial de outra construção, ou seja, tal construção só pode ocorrer com tais elementos. A tabela 2, a seguir, mostra a distribuição dos dados em relação a tipos de ligações:

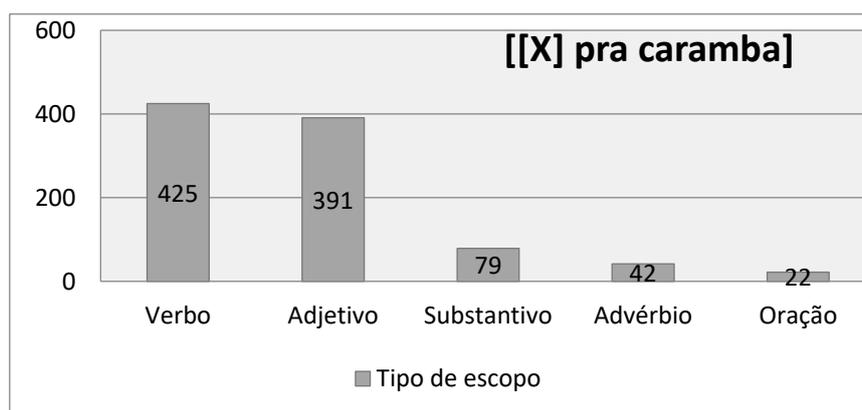
Tabela 2 - Tipo de ligação entre a microconstrução $[[X] \text{ pra caramba}]$ e o subesquema.

Ligação \ Microconstrução	Polissêmica	Metafórica	Subparte	Particular	Herança	TOTAL
$[[X] \text{ pra caramba}]$	0	959	0	0	0	959
SUBTOTAL %	0	100%	0	0	0	100%

Fonte: Elaboração própria.

Os números da tabela 2 mostram que o tipo de ligação existente entre a microconstrução intensificadora $[[X] \text{ pra caramba}]$ e o subesquema de intensificação $[[X] \text{ Prep+N}]$ é de natureza metafórica, o que referenda as proposições apresentadas por Lakoff e Johnson (1980), Langacker (1987) acerca da corporificação da linguagem e dos processos metafóricos atuantes na formação de inúmeras construções, uma vez que o termo *caramba*, usado em um domínio mais concreto para se referir de forma indireta, em substituição ao termo *caralho*, ao órgão sexual masculino, passa a ser usado, de forma metafórica, como expressão intensificadora, em referência ao sentido de extenuação do vigor físico do órgão sexual masculino, ou seja, o sentido mais concreto de vigor físico (ou força) do órgão sexual masculino passa a ser utilizado em um domínio mais abstrato com o sentido de intensidade, o que também corrobora a tese de que, nesse caso, há um processo de opacidade semântica em curso: o significado da expressão intensificadora em questão não é mais visto como composicional, mas sim como não-composicional. As ocorrências (14), (15) e (16), já citadas, ilustram esse processo de metaforização.

Com relação ao tipo de elemento modificado pela microconstrução intensificadora $[[X] \text{ pra caramba}]$, constatamos na análise que essa expressão tende escopar ou modificar, em primeiro lugar, com 44,3% dos dados, o verbo, seguido das formas adjetivais, com 40% dos dados, que são responsáveis pela qualificação, avaliação ou caracterização de algo, pessoa, objeto, animal etc. A figura 4, a seguir, mostra a frequência dos tipos de categorias escopadas em número reais:



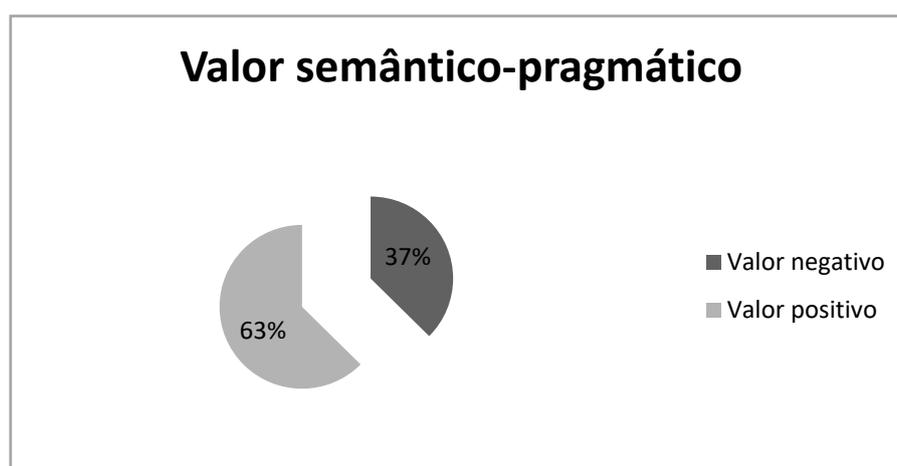
Fonte: Elaboração própria.

Figura 4 - Tipos de escopo da microconstrução *[[X]] pra caramba*.

De 959 ocorrências catalogadas da microconstrução intensificadora *[[X]] pra caramba*, apenas 42 delas correspondem à modificação de advérbio (como em: *Ele compõe bem pra caramba*), o que parece indicar que esse tipo de expressão tende a ser usado para intensificar ações, estados, situações (no caso de verbos) ou qualificações e caracterizações de pessoas, objetos e animais (no caso de adjetivos). Quanto aos verbos, os mais frequentes nos dados levantados são: *falar, ensaiar, trabalhar, estudar, esforçar, ajudar, agradecer, respeitar, jogar*, dentre outros. Em relação aos adjetivos catalogados, identificamos 26 adjetivos diferentes e os mais frequentes são: *chato* (e suas flexões), *divertido, bom, bonito, gostoso* (e suas flexões), *feliz, difícil, legal e bacana* etc.

Em se tratando do valor semântico-pragmático veiculado pela microconstrução intensificadora *[[X]] pra caramba*, constatamos que ela veicula, em geral, o sentido positivo, somando 63% dos dados (600/959):

FLP22(1)



Fonte: Elaboração própria.

Figura 5 - Valor semântico-pragmático veiculado pela microconstrução *[[X]] pra caramba*.

Os números mostram que, em grande parte, os falantes utilizam a microconstrução *[[X]] pra caramba* com o objetivo de intensificar algo ou um evento, classificado, geralmente, como agradável, satisfatório ou bom. Os casos de valoração

negativa tendem a aparecer com verbos e adjetivos que expressam (ou se relacionam com) algo em excesso, ausente, danificado, estragado, repetitivo, dentre outros.

No que tange ao gênero textual em que a microconstrução intensificadora perifrástica *[[X] pra caramba]* costuma ocorrer, verificamos que ela tende a aparecer com maior frequência, de acordo com a divisão proposta pelo *Corpus do Português*, no gênero textual *notícia ou matéria de jornal*, como se vê na tabela 3 abaixo, no entanto, é importante ressaltar que essa classificação do *Corpus* é problemática, uma vez que entre os textos arrolados como “notícia ou matéria de jornal” há muitos deles que se aproximam de contextos de oralidade, ou seja, constituem simulacros de situações orais de comunicação, como entrevistas, fóruns de discussão, blogs, conforme já discutimos anteriormente. Por outro lado, o fato de essa microconstrução intensificadora circular por diversos contextos de interação, ainda que estejam mais voltados para situações de oralidade, evidencia que ela já está devidamente consolidada na língua, já que são poucos os casos em que essa construção sofre algum tipo de derivação. Vejamos os exemplos (20) e (21) a seguir:

(20) Quando eu gosto de um menino, fico com raiva e trato super mal. Minha prima de nove anos faz igualzinho. Nenhum homem vai conseguir me diminuir porque eu sou *legalzinha pra carambinha*.
(www.pensador.com/frase/MTEzODA4NA)

(21) Noticiar que Mijair enviou para um grupo no WhatsApp um vídeo convocando para as manifestações a seu favor no dia 15 de março. O que não é mentira, já que o próprio confirmou que fez isto mesmo. Mas pegou *mal para carambão*, portanto Vera virou alvo. Criaram uma conta falsa dela no WhatsApp e dispararam mensagens falsas.
(www.tonygoes.com.br/2020/02/je-suis-vera.html)

FLP22(1)

Como se pode ver, em (20) e (21), extraídas do Google, temos duas ocorrências de derivação da microconstrução *[[X] pra caramba]*, uma de grau de diminutivo, como em (20), e outra de grau aumentativo, dada em (21). Apesar de existirem, tais possibilidades são muito pouco frequentes no português brasileiro, tanto que não encontramos nenhuma ocorrência no *Corpus do Português*, o que mais uma vez reforça a tese de que já estão consolidadas e estruturadas na língua. Ademais, essa microconstrução não pode ser flexionada em gênero e número.

A tabela 3 mostra a distribuição da microconstrução nos gêneros textuais:

Tabela 3 - Gênero textual em que a microconstrução *[[X] pra caramba]* ocorre.

Gênero	Notícia ou matéria de jornal	Oral	Ficção	Acadêmico	TOTAL
Microconstrução <i>[[X] pra caramba]</i>	828	71	37	23	959
SUBTOTAL %	86,3%	7,4%	3,8%	2,5%	100%

Fonte: Elaboração própria.

Como era de se esperar, a microconstrução *[[X] pra caramba]*, por conta de seu caráter um tanto quanto informal, é pouco recorrente em textos acadêmicos, que são mais formais e tendem a restringir a ocorrência de marcas de oralidade. A nossa hipótese inicial era a de que essa microconstrução fosse ocorrer com maior frequência

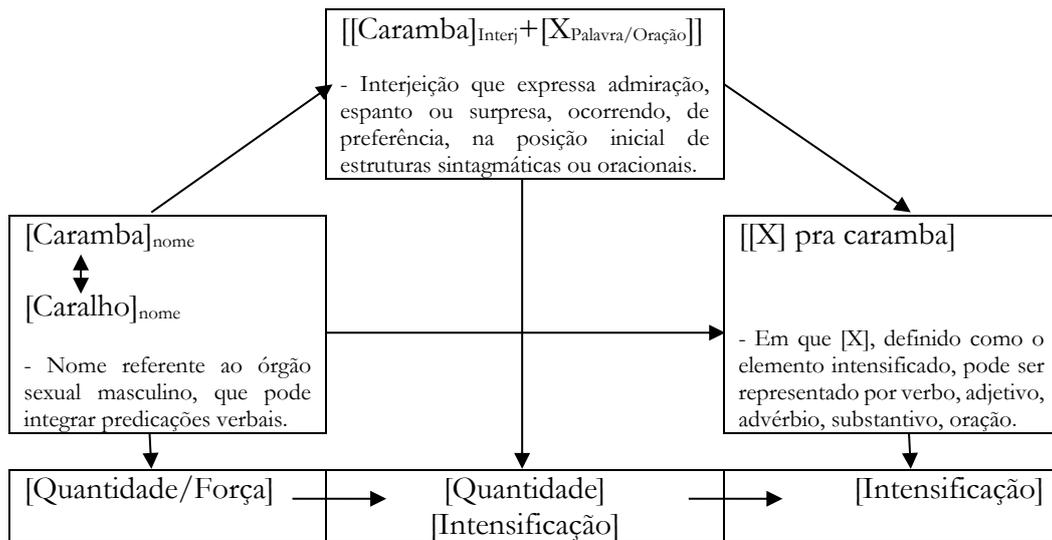
em textos orais, no entanto, considerando a classificação textual proposta pelo próprio corpus de pesquisa, verificamos que a sua maior incidência se deu em textos de notícia e matérias jornalísticas, o que nos chamou bastante a atenção e nos levou a analisar mais detalhadamente as sequências textuais e os tipos de texto individualmente. Como resultado, como já adiantamos anteriormente, constatamos que, apesar de ocorrerem em jornais, tais textos simulavam, muitas vezes, situações de oralidade, fato que explica a alta frequência dessa construção em textos jornalísticos. Além disso, vale destacar que os textos classificados como orais são muitas vezes narrativas e não propriamente textos de conversação. De qualquer modo, tal expressividade e comportamento mostram que essa microconstrução, de natureza aparentemente informal, é vista como menos estigmatizada pelos falantes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o exposto até aqui, podemos dizer que a intensificação perifrástica é definida como um processo avaliativo do mundo, o qual constitui um recurso semântico-argumentativo muito produtivo na língua portuguesa (Vieira; Vieira, 2008). Trata-se de um recurso que, além de intensificar algo, está também a serviço de operações retórico-argumentativas do falante com a finalidade de atingir algum propósito comunicativo. Conseqüentemente, estamos a todo o momento lançando mão de dispositivos e expedientes, com os quais nos relacionamos no cotidiano, de forma concreta ou não, para descrever e representar situações mais abstratas, como nos demonstra Lakoff e Johnson (2002 apud Silva, 2006, p. 202).

Com base na análise dos dados, constatamos que a microconstrução intensificadora perifrástica *[[X] pra caramba]* constitui um caso de construcionalização gramatical, justamente porque cumpre um papel bastante específico na língua, que é o de intensificar ou apresentar uma avaliação/caracterização exagerada acerca de algo. Trata-se, pois, de uma construção que emerge na língua como um novo pareamento de forma e sentido, haja vista que o valor da expressão apresenta-se como não composicional (opaco semanticamente), oriundo de um processo de metaforização (Langacker, 1987; Lakoff, 1987; Heine, 1994), em que o termo *caramba*, considerado por alguns dicionaristas (Nascentes, 1955; entre outros) como eufemismo do vocábulo *caralho*, já não é mais visto como algo relacionado à potencialidade física do órgão sexual masculino ou à noção de surpresa ou espanto, mas sim à noção mais abstrata de intensificação atribuída a essa expressão e a tantas outras, como vimos no quadro 2, que são instanciadas pelo mesmo subesquema construcional de intensificação *[[X] Prep +N]*, que é bastante produtivo na língua.

A figura 6, a seguir, mostra os valores de base e os caminhos possíveis para a formação/emergência da microconstrução *[[X] pra caramba]* no português. Como vimos, o principal sentido de origem da palavra *caramba* está ligado ao seu uso como eufemismo, em substituição ao vocábulo *caralho*, referente ao órgão sexual masculino, mais especificamente à noção de vigor físico/potência sexual do homem. Por fim, tem-se o uso de *caramba*, como interjeição, cujo sentido é de admiração, espanto, surpresa ou ironia, que parece ser um valor mais abstrato.



Fonte: Elaboração própria.

Figura 6 - Valores de base e trajetórias possíveis de formação da microconstrução *[[X] pra caramba]*.

A figura acima ilustra um trajeto possível para a formação e consolidação da microconstrução intensificadora *[[X] pra caramba]* no português, que carece, obviamente, de mais estudos com outros tipos de corpora (já prontos ou controlados manualmente) e também de pesquisas comparativas com outras línguas de origem românica a fim de referendar a trajetória de mudança aqui proposta. Listamos o uso do vocábulo *caramba* como interjeição em um estágio intermediário de mudança por entendermos que a noção de surpresa/admiração contém em sua base conceitual o sentido de quantidade/intensidade de sentimento acerca de algo.

FLP22(1)

Consoantes à citação de Costa (2010, p. 113), concebemos, então, que a microconstrução intensificadora perifrástica *[[X] pra caramba]* é de natureza superlativa, cujos objetivos, que incluem, além daqueles já mencionados (que são enfatizar e hipervalorizar o que é enunciado pelo falante nos contextos de comunicação), o fato de que são usados pelo falante para impressionar e persuadir o interlocutor de alguma forma, levando-o a assumir o mesmo posicionamento defendido pelo ouvinte. Isto quer dizer que a função primordial dessas microconstruções é a de intensificar o que é enunciado e também demarcar um posicionamento enquanto falante perante aquilo que é enunciado/intensificado.

Por fim, no que se refere às propriedades formais e de sentido, como apresentado e discutido por Croft (2001, p. 18) e Traugott e Trousdale (2013, p. 6-8), da microconstrução intensificadora *[[X] pra caramba]*, observamos o seguinte:

a) Propriedades formais (sintáticas, morfológicas e fonológicas):

- Tende a se posicionar à direita do elemento que é modificado/escopado pela expressão, ocupando uma posição fixa no complexo sintagmático/oracional.
- A microconstrução *[[X] pra caramba]* não admite flexão de número, gênero e pessoa, nem muito menos admite como algo produtivo a derivação de grau diminutivo/aumentativo.

- A preposição [para] aparece, em quase 100% dos dados, na sua forma reduzida [pra].
- b) Propriedades de sentido (semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais):
 - Atua como intensificador, modificando verbos, adjetivos, advérbios, nomes e orações, que, por sua vez, denotam diversos Estado-de-Coisas ou então propriedades de coisas e seres.
 - Veicula em geral um valor positivo de natureza exagerada, servindo para demarcar um posicionamento/uma avaliação acerca do que é enunciado pelo falante.
 - Ocorre com maior frequência em gêneros textuais de notícia e matérias de jornal que simulam, em sua maioria, contextos de interação ligados a práticas orais de comunicação.

REFERÊNCIAS

- Barddal J. Productivity: Evidence from Case and Argument Structure in Icelandic. Amsterdam: John Benjamins Publishing; 2008.
- Bechara E. Moderna gramática portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 2009.
- Borba FS. Dicionário UNESP do Português Contemporâneo. São Paulo: Editora UNESP; 2004.
- Bybee J. Language, usage and cognition. Cambridge: Cambridge University Press; 2016 [2010].
- Castilho AT. Nova gramática do português brasileiro. São Paulo: Contexto; 2012.
- Costa IO. A construção superlativa de expressão corporal: uma abordagem construcionista [dissertação]. Juiz de Fora: Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora; 2010.
- Croft TW. Radical Construction grammar. Oxford: Oxford University Press; 2001.
- Croft W, Cruse A. Cognitive Linguistics. Cambridge: Cambridge University Press; 2004.
- Cunha C, Cintra LF. Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro: Fronteira; 1985.
- Cunha, AG. Dicionário etimológico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Lexikon Editora; 2011.
- Davies M., Ferreira M. Corpus do Português: 45 milhões de palavras, 1300s-1900s [internet]. Provo, Utah: U.S. National Endowment for the Humanities, 2006 [2016]. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>.
- Dicionário Online do Português. Porto : 7 Graus; 2009.
- Dik SC. The Theory of Functional Grammar. Dordrecht: Foris Publication; 1989.
- Ferreira ABH. Dicionário da língua portuguesa. Curitiba: Positivo; 2014.
- Fillmore CJ, Kay P, O'Connor MC. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions. Language, 1988;64(3):501–538.
- Givón T. On understanding grammar. New York: Academic Press; 1979.

- Givón T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins; 1995.
- Goldberg A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press; 1995. Goldberg A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press; 2006.
- Heine B. Grammaticalization as an exploratory parameter. In: Pagliuca W, editor. *Perspectives on grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins; 1994. p. 255-87.
- Houaiss A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva; 2011.
- Lakoff G, Johnson M. *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press; 1987 [1980].
- Lakoff G. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: University of Chicago Press; 1987.
- Langacker R. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. Stanford, CA: Stanford University Press; 1987. (Vol. I)
- Lauand J. *Revelando a Linguagem: 50 estudos na revista Língua Portuguesa (2005-2015)*. São Paulo: Factash Editora SH; 2016.
- Lima-Hernandes MC. *Perífrases elativas de função intensificadora: rotas de Gramaticalização no Português*. Encontro Anual do Grupo de Trabalho da ANPOL; 9-10 dez. 2009; São Paulo, SP, Brasil. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie; 2010. p. 1-19.
- Nascentes A. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica; 1955.
- Neves MHM. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes; 1997.
- Neves MHM. As relações entre ciência linguística, uso linguístico e as noções de “certo” e “errado”. In.: Neves MHM. *Que gramática estudar na escola?* São Paulo: Editora Contexto; 2011. p. 49-63.
- Nuevo Diccionario Historico Del Español. [NDHE]. Real Academia Española [homepage]. Madrid: Academia Española; 1933. [citado 21 abril 2019]. Disponível em: <http://web.frl.es/DH1936.html>.
- Oliveira MR. Contexto: definição e fatores de análise. In: Oliveira MR, Rosario IC, organizadores. *Linguística Centrada no uso: teoria e método*. RJ: Lamparina/Faperj; 2015. p. 22-34.
- Real Academia Española: *Diccionario de la lengua española*, 23ª Ed. [homepage]. Madrid: Asociación de Academias de la Lengua Española; 2019. [citado 20 abr 2019]. Disponível em: <https://dle.rae.es>.
- Rodrigues S. Caramba, puxa e outros eufemismos. *Revista Veja Online*. 2011, agosto, 44(2219):136p.
- Sankoff D, Tagliamonte S, Smith E. Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows [programa de computador]. Toronto: University of Toronto; 2005. [citado em 10 fev 2019]. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>.
- Scaldelai AL. Um estudo cognitivo-funcional das construções intensificadoras no português brasileiro. *Relatório Final de Iniciação Científica*. São José do Rio Preto: UNESP/FAPESP; 2017.
- Scaldelai AL. Um estudo cognitivo-funcional das construções intensificadoras no português brasileiro. *Relatório Parcial de Iniciação Científica*. São José do Rio Preto: UNESP/FAPESP; 2016.
- Silva BC, Souza, FF, Andrade WC. Intensificação no Português Falado. *Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação*. 2009;3(1):1-11.
- Silva D. *Revista Caras Uol. Etimologia* [homepage], 2013. [citado 28 dez. 2019]. Disponível em: <https://caras.uol.com.br/revista/etimologia-pelada-dedeu-forfait.phtml>

Silva JR A intensificação numa perspectiva funcional. *Odisseia*. 2008;1:1-18.

Silva JR. Aspectos mórficos e semântico-pragmáticos do grau. In: Silva JR, Martins MA, organizadores. *Gramática e ensino*. Natal: EDUFERN; 2013. p. 117-144.

Silva JR. Aspectos semântico-cognitivos da intensificação. *Revista Gragoatá*. 2006;11(21):201-218.

Traugott EC, Trousdale G. *Constructionalization and Constructional changes*. Oxford: Oxford University Press; 2013.

Vieira SR, Vieira MSM. Expressão de grau: para além da morfologia. *Cadernos de Letras da UFF – Literatura, língua e identidade*. 2008;34:63-83.

Villas A. *Pequeno dicionário brasileiro da língua morta*. São Paulo: Globo; 2013.

FLP22(1)